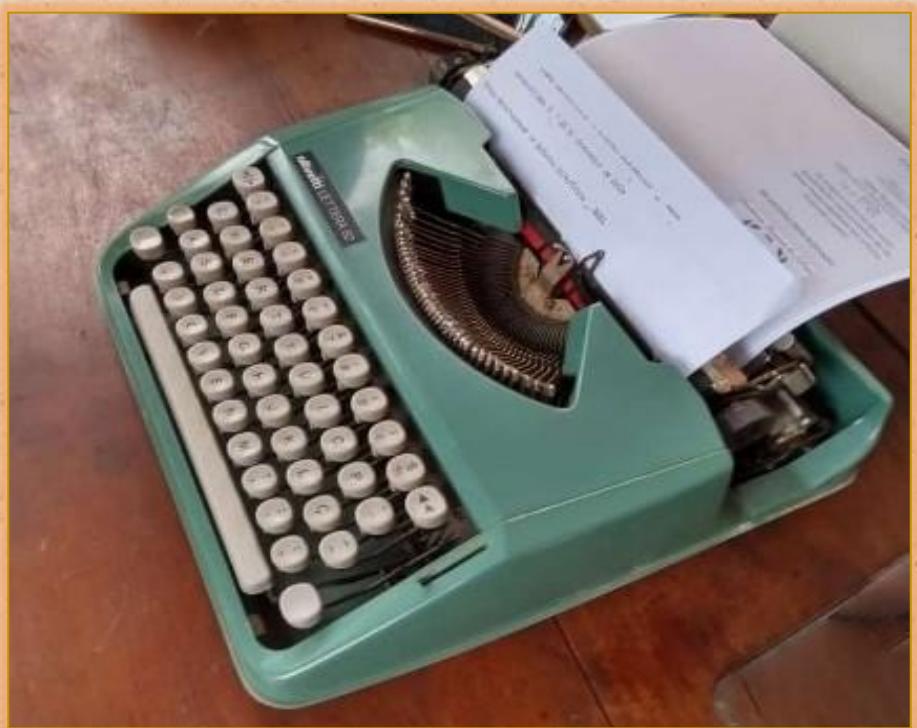




REL



Revista Enforcadense de Literatura



ESCREVER É VIVER

“Escrever é fácil. Você começa com uma letra maiúscula e termina com um ponto final. No meio você coloca ideias.”

(PABLO NERUDA)



Para viver é necessário arriscar, para escrever é necessário pensar. O ato de escrever é, acima de tudo, um ato de solidariedade, pois ao escrevermos desejamos a leitura de outrem, para que dessa maneira nossas palavras cumpram o seu dever de se tornarem eternas. Caso não desejássemos alcançar os olhos favoráveis ou contrários, não escreveríamos. Lembrando da máxima aristotélica, a qual ao escrever nada mais fazemos que imitar o nosso pensamento, temos consciência da responsabilidade por trás do compromisso com a escrita, o qual nos impõe a condição de sermos sutis e dedicados, uma vez que colocamos no papel ideias que confrontam ou apaziguam - a depender de quem as lê. A arte da escrita se assemelha a arte da vida. Assim como muitas pessoas apenas sobrevivem, há muitos que apenas rabiscam.

Como compromisso de perpetuar nossas reflexões, apresentamos esta nova edição da Revista Enforcadense de Literatura, a fim de que nossos escritos nos tornem artistas dessa vida que se assemelha a arte.

Boa leitura!



Jailton dos Santos Filho.

Conselho Editorial



Ano 1 – Edição 2
JULHO de 2020

Editor Responsável
JOÃO PAULO A. DE CARVALHO
DRT: 1987/SE

*Os artigos e anúncios que estão apresentados neste periódico são de inteira responsabilidade dos autores.

Imagen da capa:
“Datilografando no Museu Caipira dos Enforcados”.
Foto: Jailton dos Santos Filho.

Imagen do texto editorial:
CPDEC
<https://cpdec.com.br>

Contato:
<https://geelrel.wixsite.com/dores>

E-mail:
geelrel@hotmail.com

3

6

10

16

17

24

RESENHA

ARTIGO

ARTIGO DE

CRÔNICA

CONTOS

POEMA

CIENTÍFICO

OPINIÃO

3

RESENHA

Manoel Cardoso

4

**GETÚLIO: UM POLÍTICO-PISTOLEIRO,
NÃO UM PISTOLEIRO-POLÍTICO**

Jânio Vieira dos Santos

João Victor Rodrigues Santos

6

**SER ENFORCADENSE, UM
INCÔMODO NECESSÁRIO**

João Paulo Araújo de Carvalho

8

**A FÍSICA DOS ASTROS E SUAS
IMPLICAÇÕES NO NOSSO COTIDIANO**

Jailton dos Santos Filho

10

**DO ASSASSINATO DO NEGRO
AMERICANO AO PRECONCEITO E
AÇÃO POLÍTICA NO BRASIL**

Valtênio Paes de Oliveira

12

**ARCÁDIA LITERÁRIA E ARTÍSTICA
REVELANDO POTENCIAIS DO
MUNICÍPIO DORENSE**

Luís Carlos de Jesus

14

**UM LIVRO SOBRE NOSSA
SENHORA DAS DORES**

José Lima Santana

16

A VELHA CASA DE TAIPA

Valtênio Santos Santana

17

BUQUÊ

Viviane dos Santos Cardoso

20

PROMESSA É DÍVIDA

Juviano Borges Garcia

22

A PEDRA

José Aldo Souza Leite

24

INFÂNCIA RESPEITADA

Celine Vitória Silva Guimarães

25

**SUICID – A GAROTA DO
MEU PESADELO**

Samuel Castro dos Santos Cintra



RESENHA

Em boa hora, neste tempo de pandemia que apavora o mundo, os enforcadenses, que sabem o que querem, criaram uma Revista eletrônica que lhes denote os talentos, as apreensões, pois sabem que o momento é de trabalho e de luta. A partir da reunião de um grupo idealista, surgiu o GEEL, *Grupo Enforcadense de Estudos Literários*, que plasmou a Revista Enforcadense de Literatura (não apenas).

De mangas arregaçadas, cada membro do conjunto elegeu um tema, desenvolveu-o e eis o primeiro número, de aparência e consistência magníficas. Da Ciência, OS PULSARES, à Cultura Popular - o Cordel, esse primeiro número indica qual será uma de suas metas: discorrer sobre o maravilhoso e conflituoso painel da realidade desse município que ocupa quase o centro, o coração de Sergipe.

Conforta-nos constar que jovens, que poderiam estar envolvidos em pugnas líricas ou políticas (que são importantes), debruçam-se sobre estudos, e desenrolam pergaminhos em que a cidade vai adquirindo feições de espaço operoso, para que o habitante da terra mater, e que longe vive, possam inteirar-se de parte do panorama da cidade. E eis sua antiga biblioteca, que sobreviveu através de décadas. Os movimentos inquietantes da cultura que redundaram em concursos, responsáveis por criteriosas antologias. O estudo abrangente de um de seus líderes, incansável, que tem reunido fragmentos da cultura, em todos os campos, dando origem ao mais importante estudo que se publicou no âmbito da urbe. A instituição de uma Academia, que reunisse a nata dos componentes, no momento, sob a égide de um patrono que tivesse honrado a historiola do município... E esse conjunto de vozes e de temas desaguaram nesse primeiro exemplar primoroso.

Anima-nos saber que há vozes empenhadas em estudos linguísticos, pois a realidade da cultura espontânea enforcadense é espantosa, campo que merece uma acurada pesquisa. Há riquíssima toponímia e antropônímia a serem exploradas e já surge um dos questionamentos, que poderão levar a fontes autóctones,

lusas, espanholas, africanas, galegas, latinas... pois a cultura brasileira é um sorvedouro de influências.

Alenta-nos constatar o cultivo da lírica popular, o cordel, tão pródigo em todo Nordeste, a que se filia Sergipe, com voz forte. Deleita-nos averiguar que há olhares voltados aos ciclos, que ao se instalarem premiam ou castigam o solo fértil, sempre carente do líquido fecundador.

Vozes alienígenas se integraram ao grupo endêmico, e discorreram sobre o conhecimento de que se dotam, com a utilização metonímica de caneta e enxada, dois elementos que não se opõem, pois ambos revolvem solos em que germinam a semente e a palavra. Voz outra alude a livro marcante da cultura itálica e universal. E se acrescenta o viés político, campo minado na história nacional.

Alude-se ainda ao pequeno lago - com invejável foto, que marcou o dia a dia na vida da cidade, como espaço de entretenimento, de trabalho (lavagem de roupa, pesca, limpeza de vísceras de animais), amenizando o clima, na seca estação.

Cada articulista ou poeta indicou autor e obra que julga importante como leitura, e todas são de inegável valor, indicaram obras locais, nacional e científica, mas olvidou-se o autor do próprio estado, tantos, que merecem citação: Alina Paim, Amando Fontes, Antonio Carlos Viana, Carmelita Fontes, Clodoaldo de Alencar, Danilo Sampaio, Fausto Cardoso, Felte Bezerra, Francisco Dantas, Garcia Rosa, Gilberto Amado, Gizelda Morais, Hermes Fontes, Iara Vieira, João Sapateiro, João Ribeiro, Joel Silveira, José Sampaio, Laudelino Freire, Manuel Bonfim, Maria Thetis Nunes, Mario Cabral, Santo Souza, Sílvio Romero... e tantos da atual geração que orgulham o estado (apenas um lembrete).

Que a revista tenha vida longa e se constitua uma altivez da atual geração, composta de uma constelação de jovens talentosos, que se plasmam nas universidades e que constituirão balizas novas na vida da cidade.



JÂNIO VIEIRA DOS SANTOS

Graduando em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Membro da Academia Dorense de Letras (ADL). Membro do Grupo Enforcadense de Estudos Literários (GEEL). Contato: janio.vieira16@gmail.com.

JOÃO VICTOR RODRIGUES SANTOS

Graduando em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Membro do Grupo Enforcadense de Estudos Literários (GEEL). Contato: jvrs180499@gmail.com



RESENHA: *SARGENTO GETÚLIO, JOÃO UBALDO RIBEIRO, NOVA FRONTEIRA, 2004, 134 PÁGINAS,* ISBN:978-8520918005

Getúlio: um político-pistoleiro, não um pistoleiro-político

Sargento Getúlio, de João Ubaldo Ribeiro, que foi publicado pela primeira vez em 1971, traduzido para inúmeros idiomas e adaptado para o cinema em 1983, pode ser tido como uma das obras mais expressivas de nossa literatura contemporânea. É um daqueles livros em que nos vemos às voltas com a busca de um caminho a ser seguido. Além de tratar de temas atuais à época, como o próprio regime militar, as prisões e obsessões políticas, o romance pervaga por entre temáticas que dizem respeito à própria seidade: o desconhecido da morte, a força brutal e imparável da natureza, à efemeridade do corpo e da vida. Getúlio é, além do mais, um atormentado. O pavor da traição para com seus companheiros, o medo de ser corno e a possibilidade do desrespeito são elementos que ajudam a construir sua imagem, por um lado, como homem valente, que não leva desaforo para casa, fiel às ordens que lhe são dadas e, por outro, como homem fantasioso, desconfiado, assustado, religioso, até.

O romance é ambientado no nordeste brasileiro, majoritariamente em terras sergipanas, e conta a história de uma “missão” dada pelo coronel Acrísio ao protagonista, homem rude e de muita opinião: levar um udenista de Paulo Afonso/BA até Barra dos Coqueiros/SE. Getúlio Santos Bezerra. Este é o nome completo do sargento encarregado de levar o dito prisioneiro, mas Getúlio não é somente um oficial da Polícia Militar do Estado de

Sergipe. A infância pobre e necessitada parece tê-lo moldado de maneira crua e feito seu caráter duro, cruel, obstinado. Com um trato expressamente violento, o preso é rebaixado à posição de animal, de coisa, traste. Narrador e protagonista do romance, por meio de sua voz, temos acesso a inúmeros episódios que beiram a mitologia e o folclore do sertão nordestino: do homem que assustava e até matava com seu olho cego, passando por formigas que carregaram partes de dois cadáveres brutalmente mutilados, ou até mesmo a conversa entre jias. Getúlio conta, em tom quase monologal e prolixo, suas proezas e aventuras durante toda sua vida até ali, sempre se gabando por ser “O macho” numa terra macha.

João Ubaldo Ribeiro (1941-2014), baiano de Itaparica, vencedor do Prêmio Camões de 2008 e do Jabuti nos anos de 1972 e 1984, destaca-se ainda com obras como *Viva o povo brasileiro* (1984), *O sorriso do lagarto* (1989), *A casa dos budas ditosos* (1999) e outras muitas. Com personagens como o do sargento Getúlio, Ubaldo parece que consegue sintetizar parte do imaginário popular sertanejo: o homem mau, duro, corajoso, machista, aparentemente autossuficiente e, ao mesmo tempo, temente a Deus, servidor de outros, desconfiado para com quase todos, e que também se envolve com mulheres, também ama à sua maneira.

A narrativa não segue uma linearidade e, ao mesmo tempo em que os fatos se sucedem, nos são apresentados curiosidades e costumes do povo

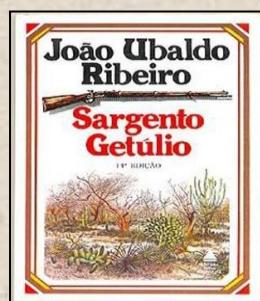
sergipano: ditos populares, hábitos, curiosidades. De linguagem fluida e exacerbadamente marcada por traços da oralidade interiorana do sertão nordestino, o romance se constrói com parágrafos e capítulos relativamente extensos, beirando a escrita do célebre português José Saramago. Não pensem, entretanto, que a linguagem coloquial presente do início ao fim do romance é sinônimo de descaso para com a língua portuguesa. Pelo contrário, o trabalho cirúrgico desempenhado por João Ubaldo demonstra seu respeito para com o vernáculo próprio do sertanejo nordestino e também a seriedade com que seu romance se constrói, tendo por base pesquisas sobre vida, costumes e língua. O autor brinca com os recursos textuais e, no decorrer de sua narrativa, nos alegra com passagens assaz humorísticas. Entre um causo e outro, Getúlio pontua que alguns daqueles episódios contados por ele nunca foram presenciados por seus olhos, mas somente ouvidos. Curiosamente, o aspecto marcadamente ficcional dentro da própria ficção chega a assemelhar a obra, entre tantas outras, com o drama *Auto da compadecida* (1955), de Suassuna, onde o inesquecível Chicó conta fatos que supostamente vivenciou, mas nunca os consegue explicar.

O livro relata, sensivelmente, questões políticas, onde são apresentadas as particularidades de indivíduos corrompidos pelos interesses dos

detentores do poder, seja ele socioeconômico ou policial. João Ubaldo apresenta e critica uma sociedade preocupada com a manutenção do poder nas mãos de poucos e das relações de contrastes ideológicos e econômicos: um verdadeiro fogo cruzado onde quem recebe ordens se vê submerso num jogo com o qual não se possui intimidade. O próprio sargento Getúlio apresenta-se por vezes como uma espécie de gente que foi privada de seus direitos e vontades, um tipo que vive a serviço de uma elite que o degenera, um pistoleiro.

Àqueles que se interessem por uma literatura recheada de temáticas tanto externas quanto internas à essência do Ser, *Sargento Getúlio* é uma boa indicação, pois trata do humano, do que se passa na mente de alguém que é tratado como bicho, como uma espécie de pseudo-predador. É obra que exige atenção e entrega em sua leitura. O entendimento e a construção narrativa deste romance não são elementos ingênuos e pedem retornos às aventuras de Getúlio. Caso o fito seja o desenvolvimento de estudos de veio mais literário, o escrito de João Ubaldo pode servir, por exemplo, para falar o mínimo, como *corpus* de pesquisas que busquem abordar a questão da Literatura Comparada ou mesmo que busquem abordar a maldade como construtora de juízo de valor.

LEITURA RECOMENDADA:



RIBEIRO, João Ubaldo. **SARGENTO GETÚLIO**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

O “pistoleiro-político”, sargento Getúlio, cruza o estado de Sergipe levando um prisioneiro, rumo à capital Aracaju. Relembrando fatos da sua vida, o policial revela-se um autêntico “cabra da peste”, nordestino desterrado, pobre, miserável e, ao mesmo tempo, um rebelde contra o autoritarismo do governo da época.



SER ENFORCADENSE, UM INCÔMODO NECESSÁRIO

“O passado que não nos incomoda, não nos estimula e não nos toca de alguma forma, não merece ser estudado” (PINSKY, 2006, p. 99).

O ser humano, dentre muitas habilidades que adquiriu ao longo de milhões de anos de evolução biológica, é capaz de refletir sobre o mundo e seu papel nele. Da mesma forma, de perceber-se como dotado de temporalidade, isto é, como parte de um tempo que lhe precede e interfere no seu viver presente, bem como da sua capacidade de transformar a realidade futura. Já como parte dessa “evolução”, o humano produz e transmite valores, crenças, regras, fazeres, saberes, costumes, enfim, uma série de práticas e representações às quais chamamos de cultura, dentro da qual reside a sua “capacidade de transportar a própria existência” (PINSKY, 2006, p. 24). A essa última aptidão está associado o desenvolvimento da linguagem e da memória como elementos capazes de criar sociabilidades e coesões grupais que permitiram a um número cada vez maior de pessoas comungarem de uma história e cultura comuns, de identidades que lhes possibilitaram ser no mundo e dar sentido à própria vida.

Como ser dotado de memória e apto a transmiti-la, o humano vai edificando monumentos, elaborando crenças, criando formas de linguagem artística e escrita, dentre outras produções materiais e imateriais que o ajudem a transpor a finitude da vida e se perpetuar pelas gerações subsequentes. Megalitos, pinturas rupestres, papiros e pergaminhos, templos e pirâmides, corpos mumificados, dentre outras construções, técnicas e conhecimentos que têm brotado da inventividade humana, estão aí há milhares de anos como testemunhas, também, da nossa necessidade de lembrar da qual nasceu uma das mais instigantes ciências, a História.

Essa ciência vem ganhando grande impulso, sobretudo após o aparecimento da “escola” dos *Annales*, na França (1929), que trouxe à tona uma verdadeira revolução na escrita da história ao propor o estudo de uma gama enorme de problemáticas, documentos, abordagens, temporalidades, metodologias e interdisciplinaridades, aí incluindo os *esquecimentos*, propositais ou não, como alvos de um olhar mais atento dos historiadores.



Belas flores do pau-brasil, que emprestou seu nome ao Brasil e foi o ponta pé da exploração desse território tendo o índio como mão-de-obra primeira em sua extração e transporte.

Foto: conexaoplaneta.com.br

Dentro dessa perspectiva de abordagem da relação memória-lembrança-esquecimento-identidade, vem se destacando na historiografia brasileira, sergipana e dorense a necessidade de se *(re)escrever* determinados capítulos de sua história, em especial pela possibilidade de se dar voz àqueles que foram silenciados com o passar do tempo. Um exemplo claro disso são estudos voltados para o indígena, o escravizado, a mulher, a criança, o trabalhador, dentre outros personagens secundários ou excluídos na historiografia até então.

No que se refere ao estudo da história do município de Nossa Senhora das Dores, um dos silêncios mais ensurdecedores que foram perpetuados diz respeito ao antigo nome do lugar e a sua

interpretação. Assim sendo, **Enforcados**, povoado que deu origem à atual cidade sergipana de Nossa Senhora das Dores, vinha sendo digno de menção, até pouco tempo atrás, apenas como denominação oriunda do enforcamento de indígenas naquela localidade. Parava-se aí ou se insistia em pontuá-la como “lenda” (CARDOSO, 1961). De forma ainda mais pejorativa, a toponímia também foi revestida de “maldição” (TÔRRES, 1999) que justificaria a necessidade de aplacá-la ao ser substituída por um nome cristão e definitivamente esquecida, legando-a às brumas do tempo ou ao “pó dos arquivos”. Até mesmo um missionário teria ameaçado de excomunhão os que ousassem pronunciar tão incômodo termo (FREIRE, 1902). Afinal, “*o passado é território de luta*” a partir do momento em que memórias, identidades, vão sendo edificadas por meio da atribuição de sentidos ao vivido através da linguagem (ALVES, 2000).



Povoado Enforcados, no centro da Província, em trecho da Carta Topographica do Visconde J. de Villiers de L'Ile Adam, 1848.
Fonte: observatorio.se.org.br "A História de Sergipe através da Cartografia". Governo de Sergipe/Observatório de Sergipe, 2015. p.30.

O professor e historiador Jaime Pinsky (1939-), citado na epígrafe desse artigo, nos inspira a estudar esse passado “incômodo”. *Incômodo*, insistimos no uso do termo, por conta de um evolucionismo distorcido, que considera o passado como primitivo e bárbaro e o presente como evoluído e civilizado. *Incômodo*,

sejamos redundantes novamente, porque nos remete a memórias doloridas e a visões trágicas de corpos humanos conectados a forças por meio de cordas, recordando mazelas produzidas pela humanidade e que levam ao suicídio (infelizmente cada vez mais comum no mundo “moderno”) ou ao assassinato, sendo esse último o fato que levou este rincão sergipano a ser “amaldiçoado” com tão terrível denominação.

Se não nos sentirmos desconfortáveis com esse topônimo e não buscarmos dele nos apropriar como parte de nós, pois o nome é patrimônio do lugar e disso não podemos fugir promovendo esquecimentos e mitificações deliberadas, ele continuará nos incomodando e escondendo, nesse silenciamento sutilmente provocado, nossas origens indígenas e como esses nossos ancestrais estão presentes em nós até os dias de hoje. Da mesma forma, pode nos furtar de ter ciência do exemplo de luta pela terra, pela liberdade e pela própria identidade que levou muitos desses nossos antepassados à força e deu origem ao nome Enforcados.

Nas próximas edições dessa publicação que o leitor tem na palma da mão, em boa hora intitulada de “*Revista Enforcadense de Literatura*”, o que por si só já nos remete ao objetivo de estarmos conectados ao passado, descortinaremos um pouco mais as entrelinhas desse nome e de sua história, que é digna não somente de lembrança, mas de orgulho para aqueles que dela fazem parte e a ela estão ligados.

REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco José. “O historiador é um inventor de identidades”. IN: **Informe UFS**. São Cristóvão, 02 de fevereiro de 2000.

CARDOSO, Severiano. “Lendas Sergipanas”. IN: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (RIHGS)**. Aracaju: volume XXI, nº 26, 1961.

FREIRE, Laudelino. **Quadro Chorográfico de Sergipe**. Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1902.

PINSKY, Jaime. **As primeiras civilizações**. 23. ed. São Paulo: Contexto, 2006. (Repensando a História)

TÔRRES, Acrísio. **Sergipe Crimes políticos, I**. Brasília: Thesaurus, 1999. (Cenas da vida sergipana)

LEITURA RECOMENDADA:



BLOC, Marc. **APOLOGIA DA HISTÓRIA: OU O OFÍCIO DO HISTORIADOR**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

Fuzilado pelos nazistas em 16 de junho de 1944 próximo a Lyon, Marc Bloch deixava inacabado um livro de metodologia, *Apoloogia da História* – publicado pela primeira vez 1949 por Luien Febvre. Esta nova edição da obra póstuma do autor, organizada e anotada por seu primogênito Étienne, apresenta o texto em sua integralidade e sem modificação alguma.

“Este livro inacabado é um ato completo de história.”

Jacques Le Goff
Historiador e Especialista em Idade Média



A FÍSICA DOS ASTROS E SUAS IMPLICAÇÕES NO NOSSO COTIDIANO

A complexidade e os mistérios do cosmo despertam curiosidade na imaginação humana desde as civilizações mais remotas. Com o passar do tempo, o ato de vislumbrar os astros celestes se tornou uma prática crucial à compreensão da vida na Terra. É sabido que várias culturas antigas já faziam uso do céu como forma de culto, há relatos de estudos das estrelas que remontam ao ano 2000 a. C.

A tentativa dos nossos antepassados de descrever padrões nas observações com o intuito de catalogar os objetos celestes contribuiu significativamente para o desenvolvimento da ciência. Neste sentido, é justo ressaltar o ônus desse estudo no desenvolvimento de várias sociedades antigas, como a Egípcia, Maia e Mesopotâmica. Inclusive, algumas definições de certas civilizações do passado são utilizadas até os dias de hoje. Por exemplo, uma vez tendo os registros sistemáticos dos astros visíveis, observou-se movimentos diferentes em cada um deles. Tomando a Terra como referência, destacou-se os movimentos peculiares de determinados “astros errantes” (planetas), ou seja, aqueles que se movimentavam em relação a nós, e de alguns outros, os “astros fixos” (estrelas). Hoje em dia, a definição para cada um desses objetos celestes é um mais sutil, sendo escopo de estudo de uma ciência apropriada para estabelecer as determinadas distinções do que se observa no céu.

A ciência que estuda os astros e a formação do universo é chamada de astronomia e, portanto, sua credibilidade é comprovada através de estudos práticos e teóricos. Diferentemente da astrologia, a qual se interessa apenas em difundir suposições acerca de possíveis influências dos astros na personalidade de cada ser humano. Em grego, as palavras *astron* e *nomos*, “nomia”, escrita em português, significam, respectivamente, “estrela” e “lei”. Então, astronomia, a grosso modo, seria a “lei das estrelas”. “Astronomia é a ciência que trata da constituição, posição relativa, movimento e, mais recentemente, dos processos físicos

que ocorrem nos astros (neste último caso, sendo denominada astrofísica, cujo nascimento se deu no século 19)” (WUENSCH, 2009). Ainda do grego, temos que *logos* significava inicialmente “a palavra escrita ou falada”, “o verbo”, que posteriormente foi traduzida como “estudo” ou “disciplina”, tanto como a capacidade de racionalização individual ou como um princípio cósmico da verdade e da beleza. Portanto, astrologia, seria “o estudo das estrelas”. No início das observações celestes, por volta de 1500 a. C. Astronomia e Astrologia eram faces da mesma moeda, de modo que as diferentes denominações não existiam, sendo sua atuação definida como “estudo dos astros”. No entanto com o passar do tempo, não se verificou consonância entre o método científico e a metodologia utilizada pela astrologia, a qual se limita a fazer previsões baseadas em crenças nos signos do zodíaco. A distinção entre elas se deu no momento em que a comprovação científica das observações do céu se tornou um quesito crucial para o entendimento dos fenômenos analisados. Portanto, astrologia se tornou apenas superstição, enquanto que à astronomia foi dado o patamar de ciência.

Um dos primeiros a contestar o, assim chamado, “fatalismo astrológico” foi Santo Agostinho¹, que chegou a argumentar que “se o futuro já estava previsto por Deus, ou pela influência previsível dos movimentos planetários, para todos, como poderiam ser livres os humanos?” Até o século 17 a crença nos astros como forma determinante para as relações sociais era bem difundida e ensinada nas academias, porém já se observava algumas subdivisões desse estudo². A ramificação matemática, destinada a medir e registrar parâmetros provenientes das observações celestes foi chamada de astrologia matemática (Astronomia). A tentativa de explicar os fenômenos naturais relacionados às medidas calculadas ficava a cargo da astrologia natural (que possuía um viés forte com a filosofia natural, isto é, a Física). A previsão do futuro por meio de elaboração de horóscopos constituía a astrologia espiritual.

Dentre os estudiosos desse período, vale a pena destacar três nomes: Galileu, Tycho e Kepler. O físico, matemático e astrônomo italiano Galileu Galilei (1564-1642), é considerado o pai da ciência moderna por ser o precursor do método científico como forma de comprovação dos resultados analisados. O astrônomo dinamarquês Tycho Brahe (1546-1601), que dentre os seus feitos está a construção de um imenso observatório, o que permitiu a elaboração, à época, do mais completo catálogo acerca dos objetos celestes, tal que suas medições foram a base para os estudos do astrônomo alemão Johannes Kepler (1571-1630), que desenvolveu as três leis dos movimentos planetários.

Convém frisar que outros ramos da ciência moderna se desenvolveram a partir de crenças e superstições como a Química e a Medicina, as quais se tornaram indispensáveis à sociedade. Tal indispensabilidade se comprovou por meio do método científico, elevando o patamar das outrora superstições. O problema então não se está nas origens, mas no desenvolvimento e aplicações ao nosso cotidiano. A astrologia como pseudociência não necessita de comprovação. Portanto, não há diálogo científico envolvido, o que torna suas implicações e sugestões simples enganações.

Vivemos num planeta, chamado Terra, que é um entre oito que orbitam a mesma estrela, chamada Sol³. De acordo com a União Astronômica Internacional (IAU, seguindo o acrônimo em inglês) em assembleia geral organizada no dia 24 de agosto de 2006, que aprovou a resolução, segundo a qual para que um corpo celeste possa ser classificado como planeta precisa possuir três características básicas: i) orbitar uma estrela; ii) ser esférico; iii) ser dominante na sua órbita. No nosso sistema solar temos, em ordem de proximidade ao Sol: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno. Os quatro primeiros, incluindo o nosso lar, são planetas rochosos, enquanto os quatro últimos são planetas gasosos. Até o ano de 2006 existia mais um nome nessa lista, o último na ordem de proximidade: Plutão. Com o avanço no estudo da Astronomia, foi possível calcular que determinado

ponto da órbita de Plutão é comum à de Netuno. Pelo fato deste ser muito maior do que aquele, foi preciso reclassificá-lo como planeta-anão, logo Plutão não se encaixa na característica número iii). Para haver tal distinção foram usados dados científicos necessários ao avanço de qualquer estudo de credibilidade. Plutão, assim como todos os astros do universo estão sob influência de uma força, chamada de Gravidade⁴. Esta, não pode ser descartada sob nenhuma hipótese, por menor que seja sua intensidade em determinados experimentos, levando em consideração que sua intensidade diminui com o quadrado da distância.

Não se comprovou em nenhum momento da história que Plutão (assim como qualquer outro astro) exerce influência na personalidade de nenhum ser humano. Ora, porque então a comunidade científica sofreu diversos ataques dos astrólogos, à época da redefinição de planeta? A grosso modo, o que se fez foi mudar a nomenclatura associada a Plutão, o qual continuará orbitando o Sol até a colisão, com Netuno. Se ele possuísse qualquer contribuição para a nossa vida social, continuaria a fazê-lo, pois ele ainda se encontra no mesmo local (em termos de distância, e não de posição, pois o objeto está em movimento através da sua órbita, pela ação da força gravitacional que o Sol exerce sobre ele) no sistema solar.

É preciso ser cauteloso no trato das questões que envolvem as relações sociais, tendo em vista que muitos ainda não valorizam a contribuição insubstituível da Ciência no nosso cotidiano. Que possamos refletir sobre nossa condição de eternos aprendizes e como tal, que exerçamos devidamente nosso papel de questionadores da realidade.

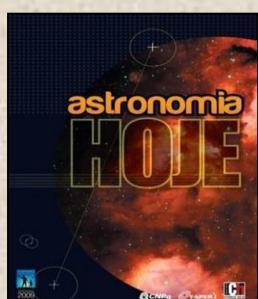
1 - Aurélio Agostinho (354-430), padre católico e um dos maiores filósofos da história. (N. E.)

2 - Essas subdivisões na astrologia foram propostas primeiramente pelo astrônomo francês Nicolas Oresme (1320- 1382). (N. E.)

3 - Os planetas giram em torno do centro de massa do nosso sistema solar que se encontra no Sol, o qual também executa tal movimento em torno do mesmo centro. (N. E.)

4 - Lei da gravitação universal, a qual rege que a atração entre dois corpos é proporcional ao produto de suas massas e inversamente proporcional ao quadrado da distância entre eles, enunciada por Sir Isaac Newton em 1687. (N. E.)

REFERÊNCIA/ LEITURA RECOMENDADA:



IVANISSEVICH, Alicia (Org.). WUENSCHUE, Carlos Alexandre (Org.). ROCHA, Jaime Fernando Villas da (Org.). **ASTRONOMIA HOJE**. Rio de Janeiro: Instituto Ciência Hoje, 2010.

Em 2009, 400 anos desde que Galilei revolucionou a ciência, os feitos desse cientista foram comemorados em todo o mundo. Entre as celebrações brasileiras, destaca-se o conjunto de artigos que tratam das fronteiras do conhecimento na área da astronomia publicado na revista *Ciência Hoje* ao longo do ano de 2009 e no primeiro trimestre de 2010. A diversidade dos temas desses 14 trabalhos – escritos em linguagem simples por importantes cientistas brasileiros dos mais renomados centros de pesquisa na área de astronomia – oferece ao leitor uma visão ampla e atual do que se sabe hoje sobre o universo.



DO ASSASSINATO DO NEGRO AMERICANO AO PRECONCEITO E AÇÃO POLÍTICA NO BRASIL

Em abril de 1968, a maior liderança negra nos EUA, prêmio Nobel da Paz, defensor dos direitos civis, o pastor Martin Luther King (1929-1968), foi assassinado por segregacionista branco em Memphis, Tennessee. Os recentes protestos contra a morte do americano George Floyd (1973-2020) foram o estopim das manifestações contra desigualdades e preconceitos, vergonhas sociais, seculares, dos EUA. Na mesma semana, no Brasil, a morte de João Pedro, 14 anos, numa operação policial no Complexo do Salgueiro, município de São Gonçalo (RJ), causou indignação, mas sem ações expressivas da população. Pasmem, o presidente da Fundação Cultural Palmares¹ mantida com dinheiro público, Sérgio Camargo, chama o movimento negro brasileiro de “escória maldita” num país com uma população com mais de 55% de negros e pardos.

A segregação, após mais de 500 anos de história, ainda envergonha brasileiros(as) que rejeitam o preconceito racial. Segundo dados, os negros, soma de pretos e pardos, atingem 55% da população brasileira pela autodeclaração. A taxa de analfabetismo entre os negros (9,1%) de 15 anos ou mais, é superior ao dobro da taxa de analfabetismo entre os brancos da mesma faixa de idade (3,9%).²

O percentual de pretos e pardos que concluíram a graduação cresceu de 2,2%, em 2000, para 9,3% em 2017, em grande parte devido as cotas.³ Entre brancos, o índice é de 22%. Pretos e pardos tinham um rendimento domiciliar per capita de R\$ 934,00 em 2018. No mesmo ano, os brancos ganhavam quase o dobro - em média, R\$ 1.846,00.

O desemprego entre os negros, em 2018, foi de 14,1%, contra 9,5% entre os brancos. Segundo o IBGE, em 2018, 15,4% dos brancos viviam na pobreza, enquanto que esse percentual era maior entre pretos e pardos atingindo 32,9%. Conforme o

Instituto Ethos, negros e pardos ocupam apenas 4,9% das cadeiras nos Conselhos de Administração das 500 empresas de maior faturamento do Brasil. Não há nenhum preto na posição de alto comando, acrescenta a pesquisa.⁴ Mortes de negros por violência cresceram dez vezes mais que de brancos. A cada 100 mil brasileiros, a taxa de homicídio de negros (43,1%) é quase o triplo dos não negros (16%). Segundo dados do Infopen⁴, que trata de estatísticas do sistema penitenciário brasileiro, dos 750 mil detentos no país, 67% são negros, e brancos, 32%.

Depois de Mandela na África e Martin Luther King, no século XX, o primeiro quinto do século XXI está carente de lideranças na causa. Obama, perdeu o trem da história.⁵ No Brasil Império, o baiano Antônio Pereira Rebouças (1798-1880), foi o primeiro negro eleito para a Câmara dos Deputados, em 1828. Na República, o primeiro deputado federal de pai e mãe negros foi o pernambucano Manoel da Motta Moreira Lopes (1867-1910), em 1909.



Fonte: <https://profbebel.blogspot.com/>

Com as eleições de 2014, 20% dos deputados federais eleitos se declararam negros. Quatro anos depois, essa parcela passou para

24,3%, segundo dados da Câmara, apesar de não existirem governadores negros no país. No setor cultural o acesso a equipamentos culturais pouco se tem de inserção de escritores e personagens. Em cada 10 livros, 8 são protagonizados por brancos.

Filmes e livros retratam o maior holocausto negro do planeta. Segundo o escritor Laurentino Gomes (1956-), em sua obra “1808”, publicada em 2014, 10 milhões de negros foram trazidos violentamente para as Américas e quase 40% ficaram cativos no Brasil. O comércio lucrativo dos brancos matava 15%, somente no transporte até nosso país.

A educação escolar fomenta o conhecimento como maior patrimônio de cada pessoa por ser inalienável até o pós-túmulo. Permitir a descoberta de novas verdades e fortalecer a liberdade de consciência para libertar-se dos preconceitos sociais vergonhosos, como o racial, é contribuição da escola. No momento quanto mais dividido o oprimido, mais fortalecido o opressor. A ausência de consciência e a desorganização política são hipóteses que não devem ser descartadas.

Tais dados apresentam um dilema: por que a população negra não consegue, nos dias atuais, se organizar e defender seus direitos? Como é possível este seguimento social brasileiro ter um potencial político-eleitoral gigante e não conseguir transformá-lo em poder? Faltam lideranças que agreguem unidade e compromisso da população contra este preconceito. O fato merece um estudo, porém, de imediato, vislumbra-se a inexistência de

lideranças, de propostas que uniformizem posicionamentos neste contingente populacional. Tem-se fracasso ou desinteresse de consciência política, pertinente ao fato?

Negros, mulheres e outros seguimentos não conseguem se articularem em defesa de seus direitos, perdem-se na individualidade apesar de maioria, deixam-se ser manipulados. É preciso agir com consciência política. Para tanto, pressupõe pensar e agir na sociedade. Fazer o caminho da teoria para prática, da prática para a teoria, constantemente fortalece a consciência política. Não basta criticar, atuar na organização em instituições sociais (família, igreja, partidos, clubes, associações, sindicatos, cooperativas, etc.) é imperativo. É preciso uniformizar caminhos de engajamento político no coletivo para se construir a história.

1 – Entidade pública brasileira vinculada ao Ministério da Cultura, instituída pela Lei Federal nº 7.668, de 22 de agosto de 1988. (N.E.)

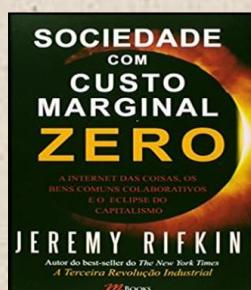
2 – Fonte pesquisada: <https://noticias.uol.com.br>. Acesso em junho de 2020. (N.E.)

3 – Dados obtidos através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (N.E.)

4 - O Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social é uma OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) cuja missão é mobilizar, sensibilizar e ajudar as empresas a gerir seus negócios de forma socialmente responsável, tornando-as parceiras na construção de uma sociedade justa e sustentável. (N.E.)

5 – Nelson Rolihlahla Mandela (1978-2013), ex-presidente da África do Sul e vencedor do prêmio Nobel da paz em 1993. Barack Hussein Obama II (1961-), ex-presidente dos Estados Unidos da América. (N.E.)

LEITURA RECOMENDADA:



RIFKIN, Jeremy. **SOCIEDADE COM CUSTO MARGINAL ZERO**. São Paulo: M.Books, 2015.

Neste livro é feita a análise da economia no planeta, bem como uma proposta, com fundamento e comprovação, de novas relações econômicas contrapondo-se ao capitalismo. O surgimento da Internet das Coisas tem levado à ascensão de um novo sistema econômico – os bens comuns colaborativos – que está transformando nosso modo de vida. Na obra, é explicado como a Internet das Comunicações, da Energia e dos Transportes está convergindo para criar uma rede neural global, conectando tudo a todos na Internet das Coisas.



ARCÁDIA LITERÁRIA E ARTÍSTICA REVELANDO OS POTENCIAIS DO MUNICÍPIO DORENSE

Vejo as arcádias literárias como verdadeiros focos de luzes, que clareiam os caminhos em direção à florescência, à frutificação de grandes obras literárias, e como guardiãs da memória daqueles que deixaram um legado significativo quando partiram do habitat terreno.

Em 11 de junho de 2014, quarta-feira aprazível, reuniram-se na Câmara de Vereadores de Nossa Senhora das Dores, representantes de diversos setores da sociedade dorense para testemunharem o erguimento de um marco para a história desse município. Naquela data celebrávamos os 155 anos da Emancipação Política de Nossa Senhora das Dores dos Enforcados e presenteamos os municíipes com a instalação da Academia Dorense de Letras - ADL.

Fundada no dia 07 do mês anterior, a ADL tem como objetivo está presente, atuar e promover diretrizes e meios para, no campo das letras, das artes, da música, entre outros, do saber fazer, revelar o que está presente na história da municipalidade por meio do processo educacional com conhecimentos mais qualitativos e quantitativos.

A instituição nascera das investidas do confrade Domingos Pascoal Melo, da Academia Sergipana de Letras, a sócios fundadores do Projeto Memórias. Este com mais de uma década de caminhada, era uma espécie de portal cultural difusor de características históricas e culturais dorenses para os 'quatro ventos', despertando curiosidade e possibilitando aquisição de conhecimentos sobre o município supracitado.

A ADL é composta de 40 cadeiras nominadas com patronos que contribuíram para a história de Nossa Senhora das Dores. Nesse mesmo viés, os membros efetivos que ocupam 20 cadeiras, até o momento, são dorenses de berço ou de coração que atuam como educadores, historiadores, escritores, agentes culturais e sociais, pesquisadores, artistas, fotógrafos, religiosos e, dentre outros, músicos. Os sócios permanentes da ADL têm, regimentalmente, obrigação de manter a sede da

instituição. A qual dispõe de uma biblioteca, denominada Maria da Glória Santana Almeida (Glorinha Almeida), e um memorial com relíquias simbólicas para a história e cultura do município.

Em sua caminhada de 6 anos a Academia Dorense de Letras promoveu encontro literário, a Quinta Literária, encontro com professores, visitas a lugares e monumentos com alunos da rede pública de ensino, ministrou palestras em instituições escolares, visitas monitoradas e dirigidas à sede da ADL para professores e discentes, financiou, estabeleceu parcerias e apoiou logisticamente na publicação de obras literárias. Livros de acadêmicos e cidadãos que só dispunham do sonho e desejo de ver sua obra nas mãos de leitores foram materializados.

Podemos atribuir à Quinta Literária da ADL o gérmen do Projeto Construção Historiográfica do Colégio Estadual Professor Fernando Azevedo. A partir de uma palestra sobre maçonaria ministrada por Domingos Pascoal foi proposto ao alunado a produção de textos historiográficos. Além disso, alguns interessados enveredaram por outros estilos literários que resultou na publicação de um livro, hoje estamos na 4ª edição, com diversos gêneros textuais e biografias e envolvimento de aproximadamente 400 alunos. Portanto, o projeto coordenado por este que hora escreve tem a Academia Dorense de Letras como sua madrinha.

Outra importantíssima contribuição para a história dorense foi o reconhecimento de 11 de junho de 1859 como a data oficial da emancipação política do município. Respaldada por pesquisas, prestígio e credibilidade que a ADL tem perante os vereadores municipais, após palestra do Mestre Historiador João Paulo Araújo de Carvalho e apresentação de documentação comprobatória, os legisladores viabilizaram a criação da Lei Municipal nº 252, de 06 de maio de 2015. Atendendo assim o pleito da

Academia Dorense de Letras e parte da sociedade dorense.

Essa academia também construiu pontes para que a Assembleia Legislativa Estadual reconhecesse a Semana Santa em Nossa Senhora das Dores como patrimônio Cultural Imaterial de Sergipe por meio da Lei Estadual nº 8051 de 22 de outubro de 2015.

O Projeto Memórias e a Academia Dorense de Letras são os principais veículos de divulgação, registro, preservação e avivamento de memórias. Assim como, serão os principais responsáveis pelo melhor conhecimento da geração que hora tem acesso a vasta produção, principalmente, literária produzida por

aquelas instituições ou, pelo menos, passaram a ter acesso facilitado a outros produtos de conhecimento de outros autores, inclusive autores dorenses que vivem em outras paragens.

Nas terras de Nossa Senhora das Dores nos imortais dorenses tenhamos a devida consciência do papel que desempenhamos na vida social, econômica, política e cultural, fazendo sempre crescer a Dorenseidade.

Frutos virtuosos à ADL e ao município de Nossa Senhora das Dores!



Academia Dorense de Letras: Homenagem aos Patronos.

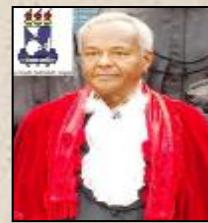
Acervo digital da ADL.

LEITURA RECOMENDADA:



JESUS, Luís Carlos de (Org.). **HISTÓRIAS DE ALUNOS: CONSTRUÇÃO HISTORIOGRÁFICA NO COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR FERNANDO AZEVEDO (VOLUME 3)**. Aracaju: Textopronto, 2017.

A maioria dos textos apresentados nesta obra abordam aspectos históricos dorenses, instituições, pessoas que são agentes sociais e profissionais do Fernando Azevedo. Dessa forma, o projeto cumpre seu compromisso sócioeducacional e histórico-cultural no âmbito das terras de Nossa Senhora das Dores despertando o sentido da DORENSEIDADE, ou seja, sentimentos de pertencimento ao nosso lugar que aguça a necessidade da valorização que leva à preservação.



UM LIVRO SOBRE NOSSA SENHORA DAS DORES

Hélio Porto, servidor público aposentado e descendente dos Porto de Nossa Senhora das Dores, publicou o livro intitulado “Nossa Senhora das Dores – Características, História e Curiosidades”, com prefácio do professor Luís Carlos de Jesus, presidente da Academia Dorense de Letras – ADL.

O livro traz boas e preciosas informações sobre a outrora terra dos Enforcados, embora apresente pouquíssimos lapsos. Citarei alguns. Ao anotar o Hino do Dorense Futebol Clube, refere-se ao Hino composto por Teotônio Neto, mas não se reporta ao velho Hino, composto na década de 1950 ou 1960, e que começa assim: “Nós os dorenses sempre garbosos...”, que foi redescoberto ao tempo em que eu fui presidente do clube, oportunidade na qual foi construída a sede social, inaugurada em fevereiro de 1982, e que, lamentavelmente, foi leiloada pela Justiça do Trabalho, para quitar uma dívida ínfima com um jogador, que deixaram se alargar. Um absurdo!

Precisava dizer que a ex-ministra da Ação Social, no governo de Itamar Franco, Leonor Barreto Franco nasceu em Aracaju, a 27 de maio de 1946, sendo filha do comerciante José Figueiredo Barreto, este, sim, nascido em Dores, e que é nome de escola municipal, na cidade.

No tocante a nomes representativos das mais diversas ocupações, faltaram, como é óbvio em qualquer obra dessa natureza, nomes importantes. Por exemplo, no caso das parteiras, senti falta de Dona Eurídice, a única parteira que, por anos a fio, constava da folha de pagamento da Prefeitura Municipal, no cargo de “Parteira”, tendo se aposentado como tal, e, antes dela, a sua mãe, com quem ela aprendeu o ofício, Mãe Isaura, que foi quem fez os partos da minha mãe, no meu nascimento e do meu irmão, como de muitos outros, nas décadas de 1940 e 1950.



Hélio Porto
 Foto: Luís Carlos de Jesus

Faltaram muitos marchantes, como Zezé Pinóia, Nita, Zé de Zacarias (só no João Ventura, havia inúmeros: Servílio, Hunaldo, Antônio da Boa Vista, Valfredo, Valmir, Joãozinho Loreano, Joãozinho de Nila, Benani, João Branquinho, Raimundo, Carivaldo, Danda, Edinaldo, os filhos de Dona Joaninha, abaixo citados etc.). Faltaram alguns carreiros. No caso das bonequeiras, Terezinha Barbosa, professora, redescobriu, de maneira ímpar, a arte das bonecas de pano, não sendo, precisamente, a pioneira. Talvez, não o posso afirmar, as pioneiras tenham sido, muito antes dela, Dona Joaninha, mãe dos marchantes Américo de Dora, Afonso, Augustinho, Carlos de Joaninha, além de Alonso, este não marchante, afora as filhas Menininha, Cenira e Carmelita, e sua irmã Dona Rosa, mãe de Arlindo (do bandolim), este citado na página 41 do livro, e ambas moradoras no João Ventura. Dentre as costureiras, são citadas “Bila, Cila Loura”. Na verdade, faltou

uma vírgula a separar Cila e Loura, pois Bila, Cila e Loura eram irmãs, sendo filhas de João Nogueira (Jonogueira, na voz do povo) e irmãs de Chico Preto, também do João Ventura, vizinhas do sítio do meu padrinho Emílio dos Reis Lima, que, hoje, dá nome à respectiva Rua. Uma grande e afamada costureira do passado: Dona Elvira, na atual Rua Francisco Porto. Alfaiates que faltaram: Mestre Pedrinho, Carlito, Inocêncio, Balduíno, Roberto e Braúlio, os três últimos, irmãos. Dentre outros advogados (Almeida, Valtênio, Eduardo, Rosa de Plácida, hoje, juíza de direito em Pernambuco, Aristeu etc.), senti, sobretudo, a falta do nosso decano, Dr. Curt Vieira. Mas, esses lapsos não desabonam a obra de Hélio Porto. Que outros pesquisadores façam a complementação, se for o caso.



Hospital São Francisco de Assis, 1975.
Acervo digital do Projeto Memórias.

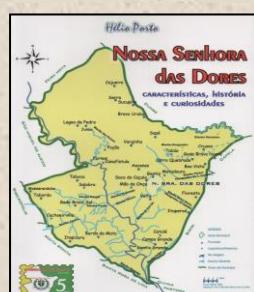
Faço duas correções: 1) o Colégio Cenecista Regional Francisco Porto começou a funcionar no prédio onde se encontra, no segundo semestre de 1969, quando a minha turma da terceira série ginásial ficou no salão nobre

professor Humberto Moura. Naquele semestre, funcionou apenas a ala direita do Colégio. No primeiro semestre de 1970, funcionou a ala administrativa, ainda no governo de Lourival Baptista. A ala esquerda e o galpão foram construídos no governo de Paulo Barreto de Menezes; 2) o Hospital começou a funcionar em 1976, e não em 1977. Em fevereiro daquele ano, ali nasceu o primeiro menino, filho de compadre Edmundo e comadre Maria, que recebeu o nome de Afonso em homenagem ao presidente do Hospital, Mons. Afonso de Medeiros Chaves, tendo a mim como padrinho de batismo, que era o secretário da diretoria do referido Hospital. Aliás, foi exatamente quando eu, Lulu Cerqueira, Maria José de “seu” Otacílio e Irmã Florinda estávamos arrumando as camas do Hospital, para o mesmo entrar em funcionamento, que tivemos a ideia de fundar a JUF (Juventude Unida na Fé), em 28 de janeiro de 1976.

Entre as páginas 91 e 117, o autor elenca uma espécie de sínteses de vários artigos que eu publiquei no Jornal da Cidade, ao longo de alguns anos. Aqui e acolá, ele cita o meu nome, mas, na Bibliografia pesquisada, ele registra: “Jornal da Cidade – 1989-2017 – números esparsos, colunas de José Lima Santana. Aracaju”.

Parabenizo Hélio Porto pela publicação do seu livro. Como dorense, bairrista até a medula, agradeço-lhe por tão auspíciosa iniciativa. E recomendo a leitura.

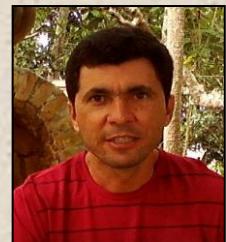
LEITURA RECOMENDADA:



PORTO, Hélio. **NOSSA SENHORA DAS DORES: CARACTERÍSTICAS, HISTÓRIA E CURIOSIDADES.** Aracaju: Textopronto, 2018.

Esta obra, somada a diversas outras que versam sobre Nossa Senhora das Dores, contribuirá com o brio para a ampliação do conhecimento local, resguardando o período temporal até o ano 2000. Torna-se leitura obrigatória a todos que compreendem o conhecimento acerca de sua ‘terra’ a condição fundamental para defendê-la.

Luís Carlos de Jesus
Presidente da Academia Dorense de Letras



A VELHA CASA DE TAIPA

A casa era toda rústica
Mas era muito singela
O barro avermelhado das paredes
Deixava ainda mais bela
Hoje só resta a lembrança
E o lugar da tapera.

Me lembro e sinto saudade da velha casa de taipa onde nasci e fui criado, recordo de um passado que jamais há de voltar. A beira da estrada toda cercada de mata ficava a antiga casa embelezando o lugar.

Era uma água furtada. De pé direito bem alto, se destacava o *tieiro* (telheiro). As portas e janelas da frente tinham uma singularidade especial pois eram pintadas em alto relevo que se assemelhava a uma renda que nunca vi em outra casa. Na varanda principal ficavam pendurados na parede quadros de imagens sacras que transmitiam uma paz interior (se destacava o Sagrado Coração de Jesus), bancos rústicos de madeira e armadores na parede onde sempre ficava uma rede armada. Ao lado de um longo corredor ficavam as camarinhos (era assim que chamávamos os quartos na época), tinham reboco e eram *caíadas*, escuras, pois as paredes chegavam até o teto e não tinham janelas, ali ficavam as camas e os baús. Em uma das camarinhos ficavam guardados o descaroçador de algodão, a *urdideira* e as rodas de fiar.

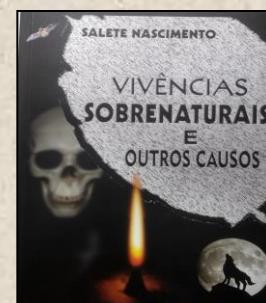
A sala era o local da *cantareira* feita de uma prancha de madeira sobre um suporte fincado ao chão, nela ficavam os potes com água fria boa de beber nos canecos bem areados, o guarda louça feito de madeira de cedro, um enorme caixão para se guardar farinha. O que eu achava bonito era um velho tear de tecer redes, ofício da minha bisavó, dona Caçula. Na cozinha o que mais se destacava

era o fogão à lenha, a carne pendurada no fumeiro, as panelas de barro, a chaleira de ferro, um pote numa forquilha de onde se tirava água para cozinhar, um pilão dentre outros utensílios como cuias, gamelas, o caixão de colocar sal grosso, o tacho de cobre, o *bambal* cheio de atilhos de milho, em uma janela o jirau de lavar pratos, as tranças de cebola e alho pendurados num torno.

No fundo da casa ficava a tenda de farinha composta por prensa de parafuso de madeira, rodete, banca de ralar, *arupemba*, gamelas, coxos e o tradicional forno de barro onde se mexia a farinha. Ao redor da casa ficava o terreiro, algumas fruteiras e na frente tinha uma enorme umbaúba de tronco bem grosso, fazia uma sombra agradável nos dias de verão. Após o pôr do sol vinha a noite, era hora de acender o candeeiro.

O tempo passou. A casa não mais existe. Mas carrego comigo os valores e princípios vividos e aprendidos naquele ambiente humilde, simples, mas cheio de felicidade.

LEITURA RECOMENDADA:



NASCIMENTO, Salete. **VIVÊNCIA SOBRENATURAL E OUTROS CAUSOS.** Aracaju: Infographics, 2016.

“Acreditem, do fundo do coração, que fazer essa “viagem” pelas linhas traçadas por “Saletinha”, em VIVÊNCIAS SOBRENATURAIS E OUTROS CONTOS, fará com que cada leitor reviva momentos que ao lado de figuras especiais que, com paciência, afeto e muita sabedoria, nos ajudou a descobrir o fantástico mundo da imaginação.”

Karina Dias



BUQUÊ

Desde os cinco anos de idade, João era coroinha da capela de seu pequeno e singelo povoado. Sempre foi um bom filho e um aluno muito estudioso, de boletim exemplar! À medida em que crescia, mais gostava de ser coroinha. A vontade de seguir e entrar para o seminário começava a despontar, e rapidamente chegou a essa decisão. Com o apoio e orgulho da família por ter escolhido seguir a vocação que tinha desde menino, entrou no seminário. Passaram-se anos e acabou se ordenando padre como todos esperavam. Foi um rebuliço! A comunidade, pequena e humilde, agora tinha um padre, isso encheu as “manchetes” do lugar, em todo canto só se falava disso. Chegou o dia mais esperado e a primeira missa foi celebrada em sua terra. A igreja, apesar de pequena, nunca havia sido lotada, mas, nesse dia, tinha gente até no telhado para poder “participar da missa”. As hóstias não foram suficientes para tantas pessoas. O calor lá dentro? Quase inunda João de tanto suor por baixo daquela batina. Foi, de fato, um sucesso!

Os tempos foram se passando e João cada vez mais ficava obcecado em celebrar as missas na matriz da cidade em que se encontrava. A igreja cheia, sobretudo o coro, composto só por mulheres, o enchia e mexia com ele de uma forma diferente e que ele não entendia. Sem falar nas confissões, principalmente das fiéis que vinham lhe contar de suas vidas amorosas ou matrimoniais. João não era mais o mesmo, ele estava ficando louco! Começara a desejar as mulheres que frequentavam constantemente a igreja, estar no meio delas mexia com ele, seu corpo tremia, arrepios em cima de arrepios tomavam-no por completo, a ponto da própria boca “trancar” e se encher de saliva. Era o desejo chegando quase ao limite máximo do que ele conseguia suportar. Seus olhos? Ah, já estavam envenenados, moldurava tudo o que via, sua imaginação criava e recriava imagens e situações de colocar qualquer cristão, no mínimo, no purgatório, quanto mais um padre. A imagem do inferno também aparecia aos seus olhos e fazia-o suar, como se estivesse numa sauna com a

temperatura em 45 graus de tanto medo e nervoso que ficava. Quando a noite chegava e ele se deitava, muita das vezes perdia o sono; quando dormia, rapidamente tinha pesadelos que sempre vinham acompanhados de incêndios e fogo, nos quais a própria imagem se deteriorava nas labaredas. Isso o desesperava completamente e, de imediato, ele se acordava muito ofegante e extremamente suado, como se estivesse cercado por uma grande coivara, as glândulas sudoríparas expeliam rajadas ininterruptas de suor que rapidamente encharcavam suas roupas. Seu coração batia tão mais forte quanto um galope de um cavalo e tão mais rápido quanto a velocidade da luz. Tinha, por fim, perdido a paz por completo!

Um dia, quando estava na sacristia, foi procurado por uma mulher que queria se confessar. Ao virar e ver de quem se tratava, seu coração disparou de tal modo que mais parecia uma metralhadora. Sua cara ficou pálida mais do que uma massa de pastel. A fiel, de nome Alice, foi uma amiga da adolescência e também a primeira e única namorada de João. Ele, apesar de surpreso e conturbado, a cumprimenta e diz que há muito tempo não a via. Em seguida, senta-se para ouvir sua confissão, que se inicia com um choro de angústia e muita tristeza. Aqueles lindos olhos cor de mel encontravam-se cheios de lágrimas e dor, como nunca antes vistos. Alice contou absolutamente tudo! Principalmente a vida miserável que vinha levando ao lado de Pedro, seu marido, que era um homem agressivo, alcoólatra e muito possessivo. Contou também as constantes e variadas agressões que sofria e os hematomas que carregava em seu lindo e delicado corpo, inclusive mostrou a cicatriz de uma facada que ele deu em seu braço direito e ela rapidamente teve que ir ao hospital, pois além do corte ser grande, era fundo. Nesse dia, acabou pegando sete pontos. Xingamentos e desmoralizações, torturas físicas e psicológicas eram ininterruptas por parte dele. Não bastando todo esse martírio, era ainda obrigada a

suportar a descarada e vergonhosa infidelidade de seu esposo. Ela penava como ninguém!

A confissão prosseguiu e cada vez mais ela chorava. As angústias não eram poucas, assim como os soluços que a acompanhava naquele momento. Após terminar, respirou fundo, enxugou as lágrimas e disse que só continuava casada porque não tinha outra alternativa, não tinha para onde ir, com quem morar, não tinha ninguém com quem pudesse contar de verdade, a não ser com Deus. Com isso, acrescentou que já estava indo embora porque se seu marido retornasse e não a visse em casa ela seria agredida novamente e desta vez não sabia mais de que maneira seria, pois da última foi a quebra de uma garrafa de bebida em sua cabeça. Os estilhaços riscaram a cerâmica da casa, bem como sua pele macia e delicada. Como estava se aproximando a hora de celebrar a missa da noite, João pediu que ela retornasse no dia seguinte para continuar a confissão, mas que o procurasse na casa dele, pois assim ele teria mais privacidade para ouvi-la, dar conselhos e orar com ela, já que na igreja sempre havia muitos fiéis circulando, além das ministras e os sacristãos, que eram bisbilhoteiros e ficavam sempre de olhos e ouvidos bem abertos para tentar ouvir o que se confessava. Assim foi feito e na manhã seguinte, às nove em ponto, ela se encontrava na casa dele e continuou seus tristes e surpreendentes relatos.

Ao fim da longa confissão, João disse estar surpreso com a situação e propôs que rezassem uma Ave Maria de mãos dadas naquele momento. Alice deu as mãos e rezaram juntos. Ao terminar a oração, João não largou a mão dela e começou a olhá-la com um olhar enigmático, suas mãos bobinhas começavam agora a passear pelo corpo formoso e sensual que ela possuía e que ele agora ia apertando e acariciando consideravelmente. Naquele dia em especial, seu corpo mostrava-se ainda mais belo e atraente dentro daquele vestido vermelho colado, que desenhava e acentuava ainda mais suas curvas. Aproximando-se daquela boca bem delineada e rosada como uma flor, quase como uma provocação, ficou a encarar e observar as expressões que aquele lindo rosto reproduzia. Viu que ali estava uma mistura de nervoso e timidez pelo “aperto” da situação, mas via também pela forma como mordia os lábios o desejo transparecendo aos poucos e isso era confirmado pelo brilho dos seus olhos. Sem demora, beijaram-se como se o mundo estivesse prestes a acabar, e ali, na sala de estar onde se encontravam, naquele mesmo momento, se despiram e amaram-se com

um desejo e prazer que pareciam inacabáveis. Essa não foi a primeira nem a última vez. As “confissões” na casa de João tornaram-se corriqueiras durante um mês, até que um dia a secretária do padre foi até lá para tratar de uns assuntos da paróquia. Chegando lá e não o encontrando, saiu pela casa a procurar por ele, quando, de repente, ouviu de um dos quartos uns sussurros e gemidos abafados e uma voz melosa que chamava por João. Ela, então, abriu a porta e deu de cara com o padre João no meio de uma relação com Alice. Os dois ficaram pálidos e envergonhados e tentaram se cobrir rapidamente. A secretária, que era muito discreta, envergonhada e transtornada pelo que viu, fechou a porta e saiu às pressas daquela casa.

“Pego em flagrante se relacionando com uma mulher, certamente serei expulso da igreja e essa notícia se espalhará pelo mundo, a sociedade vai querer me matar”, pensou João, angustiado. Em seguida, declarou rapidamente a Alice que ela foi a única mulher pela qual ele se apaixonou e que foi ao seminário somente porque ela havia se mudado e terminado o namoro, mas ele nunca deixou de amá-la, nenhum sorriso preenchia seu coração como o dela. Apesar de não ter se apaixonado por mais ninguém e por sempre gostar de ser coroinha, seminarista e, por fim, padre, notou que há muito tempo o sacerdócio não mais o satisfazia, seus desejos já não correspondiam com as obrigações e atitudes que deveria ter, e durante aquele mês em especial, no qual eles se encontravam, viu que o sentimento que tinha por ela estava ainda mais forte e a cada dia a desejava como nunca e esperava sempre ansiosamente pelo encontro do dia seguinte. Fora o mês mais feliz que teve na vida. Tendo em vista tudo o que disse e ouviu das confissões dela, João falou em seguida:

— Proponho que fujamos juntos para outra cidade, que reconstruamos nossas vidas, que nos casemos e tenhamos filhos. Um, dois, três... quantos você quiser! E sejamos, por fim, felizes como poderíamos ter sido no passado e como de fato merecemos.

Falando isso ofegante, prosseguiu:

— Ainda é tempo! Depende só de você, porque eu prometo lutar por tudo isso que vos falo, pois vejo que a amo e a desejo loucamente cada dia mais e espero ansiosamente pelos nossos encontros para poder te ter em meus braços e nos amarmos tão carinhosamente como fazemos. Quanto a você, sei que não está feliz com seu esposo, assim como

eu não estou mais com o sacerdócio, acredito que se você assim me permitir, não será difícil conquistar seu amor, já que vejo que a cada encontro você se mostra mais soridente e carinhosa comigo.

Os olhos dela, desta vez, pareciam como rosas que acabavam de desabrochar, estavam reluzentes e lindos. Eles por si só, diziam o “sim” que ela tanto queria gritar e João ouvir. Sem pestanejar, os dois acabaram fugindo pelas portas do fundo naquele mesmo instante sem ao menos pegarem uma muda de roupa. No outro dia, só se falava do sumiço do Padre, mas a secretária, discreta e de poucas palavras como era, não disse nada a ninguém. Assim, com pouco mais de um mês, o assunto morreu na cidade sem que soubessem o motivo desse sumiço, a não ser a secretária.

Cinco anos e meio se passaram e um carro aponta no pequeno vilarejo em que João morou. Adivinhem! Era o padre que acabava de retornar à terra natal. No entanto, retornou com uma mulher e uma criança.

— Desconjuro! Ave Maria! É o fim dos tempos!

Expressões como essas não paravam de circular quando souberam de quem e do que se tratava. Só se falava disso naquele lugar, pois o fofoqueiro do local saiu de casa em casa dizendo:

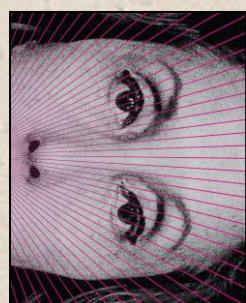
— Padre João voltou, mas voltou com uma mulher e uma criança que ele se diz ser o pai. E pior, dizem que vão se casar de véu e tudo aqui na capelinha, amanhã às três da tarde, eu vejo é coisa viu! Deve ter sido que ele engravidou a moça quando ainda era padre e foi obrigado a sair de lá e assumir ela e o bebê, aquele pecador safado,

mentiroso, sem vergonha! Ele não vai para o céu, porque Deus não quer esse tipo de gente!

Espanto e surpresa cobriam todas as faces dali. Estavam todos horrorizados. No dia seguinte, mais uma vez, a igreja lotou. Deu-se o início do casamento e o filho do casal entrou com as alianças, foi lindo! João, sentindo-se feliz e liberto, diz “sim”. Alice, emocionada com tudo e com a voz quase engasgando, disse também o “sim” e caiu em lágrimas. Ali, além de selar seu amor com João, ela selava também a construção de uma família, colocava fim em todas as suas angústias e medos e reconstruía a vida. Ao olhar seus braços e ver os hematomas que o antigo esposo havia deixado, não se lembrou dele com raiva, nem ódio, mas sentiu uma paz em seu coração. Acabava de perceber que tinha perdoado ele e todo mal que lhe fizera. Agora, ela era, de fato, uma mulher feliz e completa. Beijou o esposo, que, assim como ela, estava extremamente feliz e realizado. Saíram da igreja e junto com buquê de formosas orquídeas brancas jogou para trás todas as angústias e tristes recordações que ainda restavam em seu coração. Enfim, superou, recomeçou a vida e foi demasiadamente feliz ao lado de João.

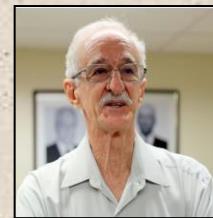
Quanto a seu antigo esposo, se entregara literalmente aos vícios e passou os últimos anos da vida pelas ruas, principalmente nas calçadas dos bares da cidade que um dia viveu com Alice. Em um dia de domingo, se envolveu em uma briga em um dos barzinhos que frequentava. Como estava bastante alcoolizado, não conseguiu se defender e acabou sendo esfaqueado.

LEITURA RECOMENDADA:



LISPECTOR, Clarice. ***TODOS OS CONTOS***. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

Esta coletânea reúne, de forma inédita, todos os contos dessa autora, ícone da nossa literatura. Sua obra cruza fronteiras geográficas e de gênero, sendo Clarice considerada uma das maiores escritoras do século passado. Organizada pelo biógrafo Benjamim Moser, este livro permite-nos conhecer os detalhes por trás dos escritos que marcaram e marcam vidas numa escala sem precedentes. Esta publicação possibilita aos leitores, fãs, estudantes e pesquisadores (re)descobrirem uma conquista singular e seu planeta habitado por bichos, homens e sobretudo mulheres, que se revelam nas mãos de Clarice, maravilhosos em meio à alegria e o horror da existência.



PROMESSA É DÍVIDA

É comum, entre nós nordestinos, principalmente, a repetição de certos bordões nas conversas coloquiais. Alguns se particularizam no dia a dia de determinadas pessoas, especialmente vendedores ambulantes, como por exemplo o de Salmeron, vendedor de quebra-queixo dorense: “*quem quereu, quereu, quem não quereu despache eu*”. Outros, porém, se notabilizam e passam a fazer parte do cotidiano de certas comunidades. Neste grupo se destacam os bordões dos humoristas, como “*Isso, isso, isso...*” do Chaves, “*é mentira, Terta?*” do Chico Anízio e centenas de outros popularizados como “*Ô lasqueira!*”, muito comum em Dores da minha infância e, recentemente, nacionalizado na novela global *Êta Mundo Bom*. Um, porém, me faz remontar aos meus dias de infância: “*o diabo agora é ...*”, expressão que quer significar que o que vai ser dito adiante é algo muito difícil de se concretizar.

Pois bem, Nonô de Fiinho era um quarentão forte e trabalhador que vivia da agricultura de subsistência no povoado Serra da Cotia. Sua malhada, ou sítio como hoje se fala, ficava na rua principal do povoado. Lá ele cultivava mandioca, feijão, milho, batata doce, inhame, amendoim, fava branca e banana além de um pomar onde viçavam cajueiros, mangueiras, jaqueiras, goiabeiras, laranjeiras, jabuticabeiras, jenipapeiros etc. Era um celeiro de produtos da terra, a malhada do seu Nonô; e ele cuidava de tudo sozinho, raramente necessitando de pagar alguém para ajudá-lo.

Por ironia do destino, numa linda manhã de setembro, seu Nonô caiu de uma jaqueira e foi levado pelos vizinhos para o único médico da cidade, que o encaminhou para o hospital de Cirurgia com suspeita de fratura da coluna vertebral. Alguns dias depois, após vários exames, incluindo radiografias, os médicos chegaram à conclusão de que o pobre homem ficara paralítico. A notícia lhe caiu como um tiro na nuca. Antes eu tivesse morrido, dizia seu Nonô. Como vou viver numa cadeira de rodas? Como vou cuidar da minha malhada?

De volta *pra casa*, passou na igreja matriz e, lá, após alguns minutos de oração, lhe veio uma decisão, uma inspiração divina. Só Deus poderia lhe devolver os movimentos às pernas. Fez uma promessa a São José, o santo padroeiro da cidade: se ele recobrasse a força das suas pernas outrora tão dispostas, construiria uma capelinha ao lado da sua casa e, no seu altar poria a imagem de São José em tamanho real.

Voltou para a sua casinha de taipa na Serra da Cotia, onde passou a ser cuidado por sua velha tia, dona Emerentina. Mas o mato grassava na sua malhadinha, sufocando a cultura que lhe garantia o sustento, o que deixava o pobre homem cada dia mais depressivo.

No dia de São José o tempo começou a se formar e no meio da tarde o povoado estava tão escuro que parecia meia-noite de lua nova. Raios cortavam os céus deixando, por segundos, tudo claro como se o sol tivesse voltado a brilhar; a chuva caia a cãntaros.

O coração de seu Nonô foi invadido por um misto de alegria e de dor. Alegria inerente a todo sertanejo quando vê a chuva e dor por não poder sair, na manhã seguinte, cuidar da sua terra; ficou ali, olhando pela porta aberta, o cair da chuva, ouvindo a música dos trovões, tarde afora, até que adormeceu. Já era quase nove da noite quando seu Nonô começou a sonhar que estava novamente caindo da jaqueira e, instintivamente, pulou da cadeira de rodas e saiu correndo pela sala. Correndo? Estava ele correndo? Oh! Deus. Nonô estava curado! Disparou na direção da casa da tia. Bateu fortemente na porta. Dona Merentina, como era chamada no povoado, abriu a porta assustada e viu ali, na sua frente, Nonô, de pé, firme com um tronco de pau-ferro. Este lhe caiu nos braços, chorando de alegria e, em seguida correu a acordar todo o povoado, que, ao vê-lo andando, gritavam: Milagre! Milagre! Milagre!

Milagre? Nonô lembrou-se da promessa. São José atendeu seu pedido justamente no seu dia, agora ele precisava pagar a promessa ou o santo reverteria o milagre. Mas como, se ele não tinha recursos que lhe permitisse tamanha despesa?

No dia seguinte a notícia da cura de Nonô já tinha se espalhado pelos povoados vizinhos e chegado aos ouvidos do compadre Totonho da Baixa da Areia, que encilhou seu cavalo e bandeou-se para a Serra da Cotia para confirmar a novidade. Nonô se apressou em lhe contar os detalhes do milagre e, em certo ponto do relato exclamou:

— Totonho, o milagre *tá* feito. São José cumpriu a parte dele. O diabo agora é eu pagar a promessa, sem ter um tostão *pra* isso.

— Oxente, Nonô e por que você num vai falar com o padre *pra* mudar essa promessa?

— *Cê tá doido homi*, se eu mudar a promessa o santo muda o milagre.

Mesmo assim, na segunda-feira Nonô arriou o burro, colocou dois sacos de feijão nos ganchos *pra* vender na feira e, ao fim desta, foi falar com o padre. Contou-lhe toda a história, desde a queda da jaqueira até a hora do milagre e sua dificuldade para pagar a promessa e o medo do santo desfazer o milagre.

— E o diabo agora, seu *vigaro*, é que eu não tenho posses *pra* pagar essa promessa.

— Que é isso, Nonô, afasta o nome desse encardido *pra* lá. Você pode pagar a promessa, sim. Não precisa fazer uma igreja grande como essa, faz uma capelinha de taipa, com teto de sapê, bancos de tronco de mulungu, que Deus comprehende. Pede a ajuda dos seus vizinhos e vai fazendo devagar que São José não estabeleceu prazo *pra* isso. Vai, e toda vez que vier *pra* feira passe aqui *pra* me dizer como anda a construção.

Nonô saiu da igreja pulando num pé só. Chegou à Serra da Cotia e foi correndo dar a notícia à tia Merentina. No dia seguinte juntou os amigos do povoado e pediu ajuda *pra* fazer um mutirão *pra* construir a capela. No sábado formou-se um verdadeiro batalhão de voluntários para ir à mata tirar madeira para fazer os esteios, os enchimentos e as varas para formar o corpo das paredes a serem cheios de barro. Até Totonho da Baixa da Areia e os filhos vieram para ajudar na empreitada. Zé de Aninha Fateira era o carpinteiro da região e também arreganhou as mangas para armar o madeirame da obra.

Na segunda-feira, mal acabou de vender seu feijão, disparou eufórico na direção da igreja, para fazer seu relatório ao padre.

— Seu *vigaro*, a madeira da capela *tá* toda pronta, o diabo agora é levantar as paredes.

— Oh! Nonô lá vem você de novo com o nome desse encardido! Vai *pra* casa e continua sua obra, que Deus lhe ajuda a concluir.

— *Adiscurpa* seu padre, é que eu sou um tabaréu dos *interiô* e peguei esse sestro na fala *derde minino*.

Sestro, para quem não conhece o vocabulário do tabaréu, é uma corruptela de gesto. Pois bem, no sábado seguinte, lá estavam Nonô e seus vizinhos, sob a coordenação de Zé de Aninha Fateira, cavando os buracos para enterrar os esteios e os enchimentos da capela, entrelaçando nos enchimentos as varas e amarrando-as com cipó.

Na segunda-feira após vender o seu feijão, Nonô foi novamente levar notícias do andamento da obra ao padre.

— Seu *vigaro*, a capela *tá* em pé, o diabo agora é a tapagem.

— Meu filho, não pronuncie mais esse nome, pelo amor de Deus.

E assim prosseguiu Nonô, com a ajuda de Deus e dos vizinhos, até que concluiu a obra. Dessa vez ele não teve paciência de esperar a o fim da feira para ir dar a notícia ao padre e logo na chegada à feira correu para a igreja e esperou somente o padre acabar de confessar a beata Casimira, para lhe dar a grande notícia:

— Padre a igrejinha *tá* pronta. O diabo agora é o santo.

LEITURA RECOMENDADA:



SANTOS, Jânio Vieira dos (Org.). CARVALHO, João Paulo Araújo de (Org.). JESUS, Luís Carlos de (Org.). CERQUIERA, Maria de Lourdes Santos (Org.). **2ª ANTOLOGIA LITERÁRIA DA ACADEMIA DORENSE DE LETRAS.** Aracaju: Brasil Casual, 2018.

Com o propósito de registrar e divulgar aspectos do cotidiano do município de Nossa Senhora das Dores (SE), a Academia Dorense de Letras – ADL apresenta aos leitores nesta 2ª Antologia Literária, que tem seus textos assentados na dimensão territorial *enforcadense*, despertando desse modo, o sentimento de dorenseidade; de amor a esta terra e a sua gente; de valorização do seu rico patrimônio histórico-cultural através das letras.



A PEDRA

Desde os 16 anos de idade, Pedro de Naninha já era empregado da fazenda Mata Virgem, propriedade de Seu Maneca Leal, grande criador de gado da região e amigo de seu pai. Sendo esta a menor dentre as várias fazendas de se Seu Maneca, possuindo apenas cerca de 160 tarefas de terra, não era destinada apenas à criação de gado, mas contava ainda com uma grande plantação de cana-de-açúcar, lembrança do antigo engenho que herdara de seu pai, Francisco de Souza Leal, além de uma roça de tamanho considerável, capricho de Dona Ana Francisca, sua esposa, onde se plantava macaxeira, milho, feijão, fava e abóbora, tudo sob os cuidados de Pedro.

Durante a infância, Pedro já frequentava aquelas paragens e aproveitava-se enquanto seu pai cuidava dos afazeres da fazenda para tomar banho no riacho Lágrima Santa, onde a água era tão cristalina que dava para brincar com as pedrinhas que ficavam ao fundo. Também usava o pouco tempo livre que tinha antes que o pai o chamassem para ajudar na lida, para mergulhar na barragem ou catar pedras em volta da mesma para atirar nos passarinhos, seja com o uso apenas das mãos ou com o auxílio da *baleadeira*¹. Algumas dessas pedras também serviam para amolar facas e outros utensílios cortantes.

Em outras ocasiões, subia em uma enorme pedra que existia numa das extremidades da fazenda, já um tanto distante da sede daquela propriedade e ficava observando o mundo em sua volta, enquanto respirava o ar puro e vivificante do lugar.

Quando Seu João de Zé de Santinha, pai de Pedro de Naninha, adoeceu, não aguentando mais a lida da fazenda, Pedro imediatamente o substituiu e, segundo Seu Maneca Leal, não só à altura, mas de forma ainda mais eficaz, uma vez que o velho João, já havia algum tempo, vinha reclamando de dores no corpo e cansaço, enquanto Pedro, que sempre observou e ajudou no trabalho do pai, encontrava-se cada vez mais forte e cheio de vitalidade.

A partir de então, Pedro de Naninha acordava sempre às 3:00h da madrugada, montava em sua velha bicicleta, que de tão barulhenta apelidaram-na de carroça, e seguia para o trabalho, onde chegava em torno de meia hora depois. Ao chegar, cuidava da alimentação do gado e de tirar leite das vacas, depois libertava os animais e saía a distribuir parte do leite entre alguns familiares e amigos do fazendeiro, recebendo também

uma pequena quantia do mesmo que servia para o sustento das crianças. O excedente do leite servia para o próprio Pedro fazer queijo, manteiga e queijão, muito elogiados pelos patrões e familiares. Em seguida, limpava o curral, fazia alguns reparos, sempre necessários, consertava cercas e ajudava no corte da cana. Cuidava da roça: limpava, plantava, adubava, colhia; o que fosse se fazendo necessário. Por volta do meio dia, ia em sua casa “*pegar a boia*”², quando não a levava ou almoçava com o patrão, o que era raro por ser muito acanhado, e às 13:30h aproximadamente, já estava de volta para pegar no batente. Isso cotidianamente, tendo raramente uma folga, sem nunca desfrutar de férias, feriado ou dia santo, por ter sempre concordado que o trabalho de hoje não espera por amanhã.

Depois de trinta e oito anos de trabalho árduo, Pedro de Naninha passou a alimentar a ideia de adquirir um pedaço de terra onde pudesse construir sua casa para morar com a esposa e dois filhos, longe do aluguel que a tanto tempo o aporrihava e resolveu falar com o patrão a respeito de umas terras sem uso que ele possuía dentro da própria fazenda. Seu Maneca Leal então lhe vendeu, estando ambos de acordo, um lote de 10m x 25m, justo onde se encontrava a grande pedra que Pedro sempre visitava. Depois de descontado o valor das férias que cabia ao trabalhador, ficou acertado o pagamento de R\$ 200,00 mensais, durante 5 anos, ao que Pedro aceitou de imediato, recebendo em seguida um documento referente ao acordo, sendo este expedido por empresa da família do fazendeiro, o que não representou problema para o comprador, por confiar plenamente em seu patrão e agora também comadre e amigo.

Desde então, sempre que podia, geralmente ao fim da tarde, Pedro de Naninha subia naquela pedra que agora lhe pertencia e ficava calculando como construir a casa na base da própria pedra (tal pedra tinha cerca de 56 m² de base por, aproximadamente, 3 m de altura), fazendo as demais partes do alicerce com fragmentos da própria rocha, reservando a parte restante do terreno para a plantação de produtos alimentícios que passaria a vender na feirinha da comunidade para auxiliar no orçamento familiar, depois da aposentadoria. Aquela passou a ser a sua pedra filosofal, uma espécie de pedra do Gênesis.

Faltando apenas 1 ano e meio para Pedro quitar sua dívida, numa tarde quente de verão, enquanto

roçava um pasto próximo do curral, ele viu o patrão cair do cavalo a uns vinte metros de distância de onde ele estava. Ao correr para socorrê-lo, percebeu de imediato que não havia mais nada a fazer, pois a cabeça do patrão tinha se esfacelado numa pedra. Em meio à dor e à tristeza da perda, Pedro se pôs a pensar em sua vida, sua família, sua casa – já em fase se acabamento - seu futuro...

Um dia depois do enterro de Seu Maneca Leal, como se só estivesse esperando por isso, o seu único filho, Dr. Leandro Rocha Leal, advogado com bacharelado no exterior, dono de diversos escritórios de advocacia, herdeiro do vasto patrimônio do pai, responsável pelos bens da mãe e totalmente avesso à Mata Virgem e a tudo que viesse dela por representar, para ele, uma pedra no sapato do progresso econômico e social, apareceu na fazenda para uma conversa direta e definitiva com o trabalhador da localidade, por quem alimentava um enorme desprezo. Ao chegar a uns cinco metros dele, foi logo dizendo:

— A partir de amanhã não bote mais seus pés aqui, pois a fazenda já foi vendida a uma grande construtora de um amigo meu.

Atônito, Pedro apenas perguntou:

— E Dona Francisca?

— Isso é problema meu! Pagarei o que lhe for de direito, descontando devidamente as regalias, claro! ... Lembrando que a fazenda inclui aquelas terras das quais você se apropriou indevidamente.

— Mas, o seu pai deu a palavra e ... eu tenho documento.

— Agora quem dá a palavra sou eu. E quanto ao documento, procure um advogado, se quiser perder tempo e dinheiro.

— Mas ...

— Não tem mais mas, nem menos mais. Providencie!

Pedro viu seu dia virar noite num fechar e abrir de olhos. Não sabia o que fazer, onde ir, o que falar.

Sentia na boca um gosto intenso de fel, sua cabeça parecia que iria estourar.

Algum tempo depois, tentando entender o que de fato tinha acontecido, Pedro percebeu que numa coisa seu Leandro tinha razão: procurar um advogado seria perder tempo e dinheiro. O jeito foi “concordar” com a ninharia que recebeu, além de aceitar que uma máquina fria e insensível pusesse abaixo um sonho por tanto tempo idealizado e tão próximo de se concretizar inteiramente.

Então, na semana acertada para a devida demolição da casa, num ato de puro desespero e já alheio a tudo em sua volta, Pedro de Naninha amarrou uma grande pedra em seu pescoço e jogou-se da ponte do rio Pedra Bonita. Seu corpo foi encontrado no dia seguinte, completamente desfigurado. Os olhos

esbugalhados pareciam ver coisas invisíveis a qualquer ser vivo.

Passado algum tempo, justamente onde seria construído o lar doce lar de Pedro de Naninha, foi inaugurada uma loja de joias, quase todas incrustadas com pedras preciosas. Jacinto, filho mais novo de Pedro, foi à inauguração munido de todo o dinheiro que o pai havia economizado para terminar a casa a fim de comprar uma joia de presente para a noiva Esmervalda que, desde muito tempo, era amante do filho do dono da referida loja. Ao se aproximar de um balcão, um senhor vestido de forma simples, mas elegante e com o olhar de um brilho intenso, voltou-se para Jacinto e disse:

— Sinto muito pelo que aconteceu com o seu pai. Ele era um homem bom!

Jacinto então, retrucou:

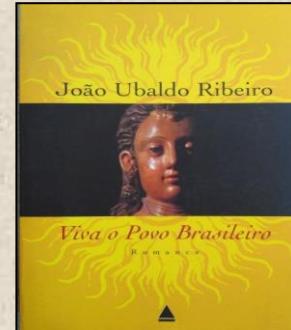
— Ele era um ignorante que só sabia trabalhar feito burro de carga, mas nunca vislumbrou o verdadeiro progresso.

— Filho, cada homem comum é uma pedra fundamental para o alicerce de qualquer construção que prime pela evolução humana e, portanto, deve ser tratado com respeito, dignidade e justiça. Falou o senhor.

1 – *Baleadeira*. Referente à arma ou brinquedo, feito geralmente de madeira em formato de forquilha, contendo um pedaço de couro e dois elásticos, com a finalidade de lançar pedras, grãos ou outros projéteis. A grafia da palavra está em harmonia com a sua pronúncia, típica da região onde se passa a narrativa. (N.E.)

2 - *Pegar a boia*. Expressão comumente usada entre os trabalhadores rurais do Nordeste brasileiro, que significa *almoçar*. (N.E.)

LEITURA RECOMENDADA:



RIBEIRO, João Ubaldo. **VIVA O Povo BRASILEIRO**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Em 1647, os holandeses chegaram a Itaparica. Devido a sua localização estratégica, praticamente ocuparam a Bahia durante um ano. Tendo de fugir às pressas para o Recife, muitos deles foram abandonados à própria sorte pelos superiores. O contato entre brasileiros e estrangeiros trouxe inúmeras consequências. Para Capioba, caboclo da região, por exemplo, o gosto pelo canibalismo. Neste e em outros personagens, fictícios ou não, está calcada a narrativa de *Viva o povo brasileiro*. Pouco mais de três séculos de uma anti-história do Brasil.

Um romance épico como poucos, marco definitivo da literatura brasileira contemporânea.



INFÂNCIA RESPEITADA

Foi no agreste do estado
Onde tudo começou
Um sonho de um grande projeto
Que a todos encantou
Foi em solo arenoso
Que o Agrevida brotou...

Proteger nossas mulheres
Jovens e crianças o que for
Crianças que como eu
Sou vulnerável,
sou a imagem do amor
Cuidando de cada vida
Mostrando o valor que cada um
tem
Ensinando que a dor do outro
E sua dor também.

Eu que ainda sou criança
Estou em germinação
Mas posso crescer saudável
Com amor e proteção
Tendo quem cuide de mim
Dos meus passos, da minha vida,
do meu sorrir, do meu existir
Fica mais fácil seguir...

Há informação neste poema
responsabilidades a refletir
pedofilia é considerada doença
como posso reagir?
Ainda bem que tem o ECA
A lei que defende a gente
Está lá no artigo 241-B
Nenhuma ação maldosa
Nenhuma atitude ruim
Envolvendo criancinhas
Vai poder existir
O Agrevida vem certificar
E o nosso direito cumprir

Mulheres e homens com tal
doença costumam usar redes
sociais
para se comunicar,
Meus amiguinhos se alertem
pessoas desconhecidas
não podem adicionar,
mostrem ao papai e a mamãe,
eles vão te orientar.
Não fiquem silenciados
Pois diante da maldade
Não podemos calar

Sei que é muito boa a nossa
internet
Receber elogios então...
Mas não divulguem seus dados
pessoais,
Prestem mais atenção,
Existem pedófilos pra todo lado
não dê bobearia não.
Querendo fazer maldades
Destruição nosso coração

Se alguém desconhecido
quer ser muito seu amigo
E te levar pra passear,
Disque o 180
pra com polícia conversar.
Abuso de menores é crime
Isso precisa acabar.

Eu quero muito agradecer
A esses grandes soldados
Por também nos proteger
É bom saber que vocês existem
Estão de olhos bem abertos
Mostrando a esses doentes
Que são militares espertos
Aqui vai minha nota
O Agrevida é nota Mil
Aceite meu abração
Cheio de emoção
Em nome de todas as crianças do
Brasil.

1 – Projeto Agrevida, criado pelo tenente Alexandre Soares do 3º BPM/SE, cujo objetivo é combater a pedofilia, o feminicídio, o suicídio e o tráfico de drogas. (N.E.)

LEITURA RECOMENDADA:



ZUSAK, Markus. **A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

Este livro apresenta a história de uma menina órfã, vítima dos horrores da Segunda Guerra Mundial. A Morte insiste em persegui-la, sendo a menina fugaz, além de ser uma ladrão de livros. Os livros são para ela, lembranças do convívio familiar, prematuramente interrompido pela ação dos nazistas frente ao comunismo maternal.



SUICID – A GAROTA DO MEU PESADELO

Não! Nunca diga 999 quando você estiver deitado na cama de cabeça para baixo . . .
 Hoje a garota deixou uma carta para mim,
 Já que aos pouco ela tomou parte do que eu sou.
 Olhei para carta, da mesma forma que está lendo
 isso, e atenciosamente eu li com todos os pontos e
 vírgulas, a carta que havia escrito.

[Carta escrita]: Não! Você não entende,
 Meu coração é como vidro, você joga pedras todas
 as vezes enquanto eu limpo os “cacos” passados.
 Não! Você não entende. Meus sentimentos são
 rasos, eu tenho medo das tempestades me invadir
 mais uma vez, sou apenas uma garota, eu sei.
 Não! Você não escutava meus gritos e surtos toda
 vez que eu surtei, você nunca me via passando por
 você, chorando na madrugada às 3:00.
 O sol não existe, talvez.

Não! Você não entende o meu coração. O 666 foi
 acionado! Apague as luzes quando sair, o papai
 morreu enforcado.
 O sol não existe!
 Talvez a luz seja um conto de fadas.
 Não! Você não gosta de mim.
 O meu corpo é estranho, os meus olhos sempre
 estão alagados, meus pulsos são arranhados.
 Não sei se existe princesas aqui, ou talvez todas
 elas morreram afogadas.

“Não insista no final”

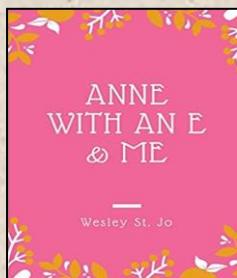
Eu falei pra não insistir! Você acionou o botão, e
 eu me senti tão besta.
 Eu falei pra não insistir! Você acabou de acionar o
 666.

Eu vejo ela, não minto, eu juro!
 Olhei em baixo da minha cama, mas não via nada.
 Falei sussurrando: “Me mostre um sorriso! Você
 não disse que havia morrido?”.
 Ela falou: “Você não entende, meu coração é como
 um vidro! Vamos mudar a parte que você joga as
 pedras, estou sem tempo. Hoje saltei de um
 prédio”.

Eu não deixaria isso
 acontecer.
 Menina! Se você pular, eu vou pular logo atrás de
 você.
 Não se preocupe; o sábio já sabe o que vai
 acontecer . . .
 Não é verdade sábio?
 Sábio? Sábio? Ele pulou junto com você!

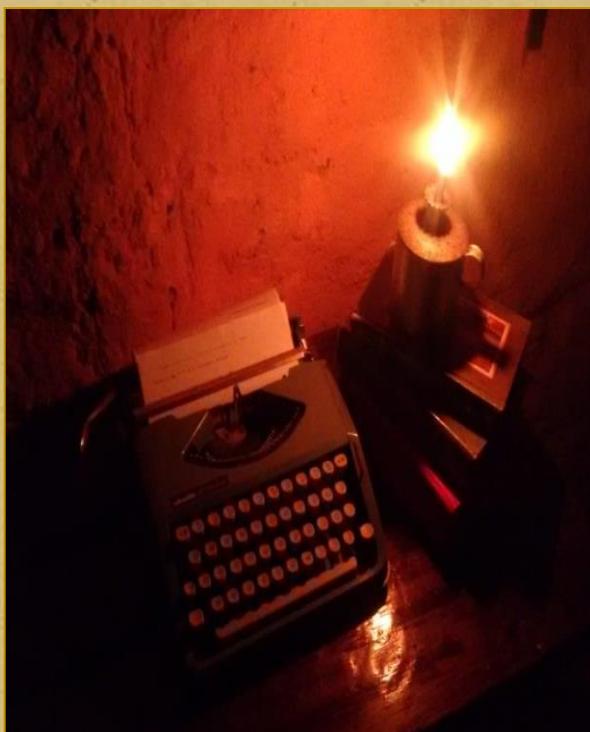
Mas ele não se foi, ele é fantástico!
 Ele não morreu, apenas se esconde atrás da porta
 do seu quarto .

LEITURA RECOMENDADA



JO, Wesley St. **ANE WITH NA E ME**. Carolina do Norte (EUA): Lulu Press, 2017.

Este livro trata de amizades, esperanças, objetivos, garotos, palavras sinceras e nascimentos de estrelas. Nesta coleção de poemas, o autor captura o otimismo com paixão e inteligência fazendo o resgate de Anne de Green Gables como uma heroína e referência.



Luz

À luz do candeeiro
Me ponho a datilografar
O que em fala não consigo
Minimamente expressar,
Mas que aos poucos é liberto
Numa folha de papel
Feito ao som da máquina
E as estrelas do céu
Com a mistura de dois cheiros
Querosene e o café.

Viviane Cardoso.

Datilografando à luz do candeeiro.
Foto: Valtênia Santos Santana

Soneto datilográfico

Os metais correm magneticamente
Inspiram quem hoje vê papéis grafar
E teclas que põe letras a se admirar
Tocando o peito a quem é diligente

Ouvem-se barulhos soturnamente
Pelos poetas que expõem as inquietudes
E dos amores que com mais virtudes
Chega-se ao fascínio ligeiramente

Assim as letras são bem mais grafadas
No toque da poesia nesse barulho
E vê sobre a tinta agora agarradas

Numa bela folha mais que de orgulho
A poesia com as rimas apuradas
E grata a máquina pelo mergulho.

Jânio Vieira